

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: GUINÉ-BISSAU  
18 de maio de 2024

## ARRIAGA / 2019

Um filme de Welket Bungué

*Realização e argumento:* Welket Bungué / *Direção de fotografia:* Nuno Casanovas / *Som e misturas:* Rui Bentes / *Assistente de realização:* Ana Mariz / *Operadores de câmara:* Felipe Drehmer, Nuno Casanovas / *Montagem:* Felipe Drehmer / *Música original:* Lucy ODC Gang, Dambù, Lalas 49 Zone / *Direção de arte e guarda-roupa:* Paulo Valente / *Assistência de guarda-roupa e maquilhagem:* Patrícia Ameixal / *Ilustração (genérico):* SAMA / *Design gráfico e animação (genérico):* Philip Nauck / *Interpretação:* Gio Lourenço (Arriaga), Mauro Hermínio (Bon Rouge), Bruno Mateus (Kanja Fria), Cleo Tavares (Chade), Isabél Zuaa (Kenya), Paulo Pascoal (Alan), Miguel Valle (Bari Cravid) / *Participação especial:* Michael Sani (Jonas), Carlos 'Mariana' Monteiro (Karma), Welket Bungué (Bastien), Nádía Yracema (Prima), Carlos Kangoma (Lucy), Ruben Soares, Bernardino Ribeiro, Fábio 'Bonzé B' Silva / *Figuração:* Ivo 'Gamarra' Leitão, Kielve 'Tchibaz' Santana, Leonardo 'Leosampa' Alves, Carlos 'Dambú' Camará, Sandro 'Sangue Bom' Monteiro, Diogo 'Pataz' Santos, Igor 'Furaz' Furinho, Leandro 'Pinex' Pina, João Catarino, Yuri Alves.

*Produção:* Kussa, Arranca, com o apoio da Fundação GDA / *Produtor:* André Lourenço / *Produtores executivos:* André Lourenço, Welket Bungué / *Assistência de produção:* Margarida Andrade, Zé Luís / *Cópia:* digital, colorida, falada em português e espanhol / *Duração:* 24 minutos / *Estreia:* 4 de maio de 2019, Festival IndieLisboa / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

## MISTIDA / 2022

Um filme de Falcão Nhaga

*Realização:* Falcão Nhaga / *Argumento:* Pedro Cabral, Falcão Nhaga / *Direção de fotografia:* Carolina Abreu / *Direção de som:* Diogo Albarran / *Mistura de som:* Marcelo Tavares / *Direção de arte:* Maria Almada / *Montagem:* Marta Lopes / *Colorista:* Marco Amaral / *Interpretação:* Bia Gomes (Odete), Welket Bungué (Nelson).

*Produção:* Escola Superior de Teatro e Cinema (filme dos alunos do 3.º ano) / *Direção de produção:* Mariana Morais / *Chefia de produção:* Beatriz Reis / *Distribuição e vendas:* Portugal Film – Portuguese Film Agency / *Design:* Eduardo Marques / *Cópia:* DCP, cor, falada em português e crioulo da Guiné-Bissau, legendada em português / *Duração:* 30 minutos / *Estreia:* 2022, Festival IndieLisboa / *Estreia Internacional:* 24 de maio de 2022, La Cinef, Festival de Cannes / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 12 de julho de 2023.

**Com a presença de Falcão Nhaga e Maria do Carmo Piçarra.**

---

Welket Bungué transformou-se, em muito pouco tempo, numa das figuras mais destacadas do atual contexto artístico português. Se o seu rosto e o seu nome são primeiramente conhecidos por causa do trabalho que faz como ator – começou na televisão, na série **Equador** e na telenovela **Morangos com Açúcar**, mas a sua trajetória foi exponencial e recentemente trabalhou com David Cronenberg em **Crimes of the Future** (2022) e protagonizou a nova adaptação alemã do mais conhecido romance de Alfred Döblin, **Berlin Alexanderplatz** (2020) – Bungué tem-se afirmado, igualmente, noutras áreas, nomeadamente como realizador, como escritor, como vídeo-artista e *performer*. Criador transdisciplinar, tem produzido um extraordinário corpo de trabalho, assinando mais de duas dezenas de filmes/peças de *video-art* na última meia dúzia de anos, compondo assim uma obra que dá resposta às suas múltiplas áreas de interesse e, também, às suas várias facetas culturais (nascido na Guiné-Bissau em 1988, cresceu em Portugal, desenvolveu parte do seu trabalho no Brasil e vive entre Berlim e os EUA).

O seu trabalho como realizador começou com a curta **Bastien** (2016), onde o ator-realizador interpretava o principal papel, o Bastien do título. Mais do que uma mera primeira obra, semeava-se aí a flor de uma narrativa episódica e fragmentária que se desenvolveria – qual retrato coral de uma geração – em títulos seguintes. **Arriaga** é o segundo tomo dessa “história de bairro” que se fechará num terceiro episódio, ainda por estrear (mas já pronto), **Prima ku Lebsi** (2024). Cada um dos títulos desta trilogia fixa-se numa personagem (que reaparecerá nos títulos seguintes – ou já aparecia nos títulos precedentes – enquanto figura secundária) e, a partir desse foco,

propõe-nos uma visita subjetiva pelas aventuras e desventuras de um grupo de jovens afrodescendentes que cresceram e vivem na periferia lisboeta.

A variedade tonal dos títulos da trilogia reflete o desejo de experimentação de Welket Bungé enquanto realizador. **Bastien** tem uma dimensão memorial próxima do drama social (recorde-se a narração no início); já **Arriaga** é um filme de *gangsters* que, de forma evidente, cita o virtuosismo de câmara de Martin Scorsese ou Brian de Palma; **Prima ku Lebsi**, por sua vez, é já uma comédia sexual de enganos. Cada personagem carrega um género cinematográfico e cada filme assume-se dentro do registo e dos preceitos do género que experimenta (demonstrando a versatilidade do realizador).

De facto, o que primeiro surpreende em **Arriaga** é mesmo o plano-sequência que se segue ao genérico de abertura. Ao longo de mais de cinco minutos, e por entre uma trupe de mais de dez atores, a câmara desliza de rosto em rosto, passando do grande plano intimista ao plano aberto onde um *rapper* faz o seu improviso *performativo*, construindo tensão dramática, gerindo múltiplas linhas narrativas (a namorada zangada, a amiga dela, o telefonema preparatório...) e mantendo sempre o foco na personagem principal – Arriaga – e na decisão que marcará o seu destino. Diante desse plano só se pode afirmar: “Aqui está um cineasta!”.

A sessão prossegue com **Mistida**, cuja papel principal é interpretado por Welket Bungé. Este é talvez o mais sólido dos filmes de produção recente da ESTC – realizado como exercício de fim de curso pela turma do terceiro e último ano da licenciatura em Cineam. Ao longo dos seus trinta minutos, sente-se a segurança do olhar do seu realizador, Falcão Nhaga, que descobre na simplicidade narrativa, no minimalismo do texto e dos pretextos, no recurso despudorado aos silêncios, na singeleza da sua *mise en scène* e na segurança da sua *découpage* (a força dos poucos campos/contracampo que rompem com a tendência para os planos gerais e distantes), dizia eu, descobre nisso tudo o retrato de um choque geracional diaspórico.

Uma mãe e um filho numa Grande Lisboa mais ou menos indistinta, ela centrada na continuidade da sua língua (o crioulo guineense), da sua gastronomia (o chabéu) e das suas tradições, ele doutorado e professor universitário que não quer voltar à “sua” terra de mãos a abanar, que se enamora por uma rapariga caucasiana, que se culpa por não estar suficientemente presente na vida da mãe (“é o fim do semestre...”). Esta tensão entre tradição e mudança manifesta-se no filme em sentidos opostos, com o filho encantado pelas suas memórias de infância (que o regresso ao bairro e à casa da mãe lhe recordam) e a mãe que só se projeta no futuro, um futuro na Guiné-Bissau, com todos os tio, tias, primos e primas (ainda que seja atormentada por sonhos/pesadelos com a sua mãe que não come e não pára quieta – ao que o filho lhe responde “só eu é que não sonho”). Ela resignada, mas esperançosa, ele integrado, mas sem desejos.

Esta série de paradoxos próprios da diáspora (para primeiras e segundas gerações) revela-se no filme com uma claridade desarmante, e entrecruza-se com o tecido suburbano sem passeios e feito de desníveis, escadarias, túneis e passagens de nível (como que materializando o labirinto das pertenças culturais). Porém, nessa malha urbana a pender para o cinzentismo atravessamos um canteiro a rebentar de flores coloridas e ladeamos uma estoica árvore à beira de uma escadaria, tudo quando a mãe se exalta e diz ao filho “foste enganado por esta terra!” E se ela se refere, naturalmente, ao país e ao seu território cultural, não se pode deixar de pensar no solo, tão propício a fazer crescer as mais frondosas verduras – outro dos paradoxos que subtilmente se insinua. As crianças que correm estão lá ou são apenas um fantasma da memória?

Mas se tudo aqui se opõe (sem nunca se contradizer e sem chegar a ser exatamente dialético), é no final, cara-a-cara (campo/contracampo), que uma canção de embalar nos lava em lágrimas e todas as tensões se desfazem no amor de uma mãe protetora por um filho emancipado. Aí, nessa camisola que protege do frio e da saudade, todos nos revemos.

Ricardo Vieira Lisboa